

# BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO-LEITÃO

SANTA TERESA - ESPÍRITO SANTO - BRASIL

---

BIOLOGIA - N. 22 - 10 de Janeiro de 1959

---

A Trochilifauna de Brasília, com a descrição de um novo representante de Amazilia (AVES). E o primeiro povoamento com essas aves aí realizado.

Augusto Ruschi  
Museu Nacional

## I — INTRODUÇÃO

Atendendo ao convite do Presidente da NOVACAP, Dr. Israel Pinheiro da Silva, para realizarmos o povoamento com beija-flores na região urbana da Nova Capital, fizemos duas viagens com o fito especial e em prosseguimento à Campanha iniciada sob o patrocínio dos Diários Associados, Seabras Club e o Museu de Biologia Prof. Mello Leitão; uma em outubro e novembro de 1958 e outra em dezembro do mesmo ano. A duração total foi de 17 dias. Nos primeiros dias de janeiro de 1959, voltamos a Brasília por três dias, para a entrega do projeto de uma granja para a criação de faisões em escala industrial e localizá-la; estando agora em fase de construção.

Partimos do Rio de Janeiro, em 23 de outubro, no avião da NOVACAP, em companhia do Dr. Israel Pinheiro da Silva e Exma. Sra., rumo ao sítio do Ipê, empregando 3,30' hs. no percurso total. Ficamos alojados em amplo apartamento do Brasilia Palace Hotel e tivemos a nossa disposição um veículo com o respectivo chofer; assim pudemos visitar no mesmo dia da chegada, por volta das quinze horas a região que margeia a estrada que vai para a barragem de Paranoá, e ali localizamos um grupo de árvores bem altas, com intensa floração amarela, trata-se de uma *Vochysia* sp. muito visitada pelos beija-flores, graças a riqueza de nectar e micro insetos que visitam suas flores. Iniciamos naquele momento, as primeiras capturas e voltamos ao alojamento para distribuí-los nas gaiolas. Nos dias seguintes, visitamos todos os locais que se distribuem pelas margens das estradas do centro urbano, principalmente os cerrados que vão ter às ravinas próximas dos córregos, e em seguida nos dirigimos pelas estradas a Lousiana, Planaltina e Anápolis, sempre no perímetro urbano de Brasília.

## II — TOPOGRAFIA E FITOFISIONOMIA DE BRASÍLIA

A topografia de Brasília é a mais comum da região no Planalto Central, são campos de suaves ondulações, quebrados pelos talvegues dos vales formados pelos cursos d'água, que são pequenos córregos das cabeceiras da bacia do Paraná, como acontece com o Riacho fundo, Ribeirão Bananal, Ribeirão da Gama, Córrego Vicente Pires e seus pequenos afluentes, todos formadores das águas do Rio Paranoá. A sua altitude vai de 1.100 a 1.200 ms. Os solos são ricos em afloramentos areníticos e o clima é saudável; é tropical, suavizado pelas altitudes do planalto, tendo uma estação chuvosa e outra seca, ou seja no verão a época das chuvas e no inverno a época das secas. Os maiores acidentes da área de Brasília são encontrados em direção ao vale do Paranoá, onde a tomada de erosão pôs em evidência a estrutura inferior do cristalino. A fitofisionomia predominante em Brasília é sem dúvida a formação botanicamente denominada «Cerrado». Notamos também o campo limpo, constituído de gramineas, onde é frequente a barba de bode, *Aristida pallens*, e com absoluta ausência de árvores retorcidas; mas, entremeado com outras plantas herbáceas.

O Cerrado é uma formação constituída destacadamente de gramineas, arbustos e árvores pequenas, esparsas e retorcidas, com casca e protegidas por uma camada de cortiça. As vezes há em certos locais um adensamento de árvores que lhe dão a impressão de cerrado, mas a transição é bem diferenciada, graças as espécies que os constituem. O cerrado dessa região, tem sido castigado pelo fogo, conforme se observa no tronco das espécies arbustivas, as cicatrizes e carvão do cortex, denotam esse sistema comum do criador da região. É uma formação subxerófila. A sua paisagem vegetal é interrompida à margem dos córregos e rios, por matas ciliares ou ravinas, que chegam em Brasília a uma largura máxima de cento e cinquenta a duzentos metros, e são também denominadas «mata-galeria». Elas são resultantes das condições do solo e umidade. As principais espécies por nós observadas no cerrado de Brasília e que lhe dão uma característica típica foram: Entre as Vochisiaceas, o Pau colher (*Salvertia convallariodora* St. Hill.), o Pau terra (*Qualea grandiflora* Mart.), o Pau de tucano ou Vinheiro (*Vochisia tucanorum* Mart.); entre as Guttíferas, o Pau santo (*Kielmeyera coriacea* Mart.); entre as Apocynaceas (*Hancornia speciosa* Gomes), conhecida por Mangabeira; entre as Dilleniaceas, a Lixeira (*Curatela americana* L.); entre as Solanaceas, a Lobeira (*Solanum grandiflorum* R. e Pav.) entre as Anacardiaceas, o cajú anão (*Anacardium* sp.) e entre as Vellosiaceas, a Canela de ema (*Vellosia glauca* e *Vellosia* sp.); Na parte de terreno mais úmido ou mesmo pantanoso, observamos a formação de buritizais, da espécie *Mauritia venifera* Mart. e nas ravinas ou matas ciliares, notamos que a árvore de maior porte é uma *Vochisia* sp. de

lindas flores amarelas, na qual a cópa chega a 25 ms. de altura; ainda nessas matas são observadas algumas musaceas do Genero Heliconia, algumas Marantaceas, Zingiberaceas do Genero Costus, algumas Araceas do Genero Philodendron, que justamente com as Orchidaceas dos Generos Catasetum, Pleurothallis e Epidendrum, e algumas Bromeliaceas, formam a flora epifita de Brasilia. Entre as palmeiras, nota-se o palmito do Genero Euterpe; entre as Pteridófitas assinalamos na mata próximo do Catetinho: Elichum sp. Polypodium sp. Dryopteris e a cosmopolita Pteridium aquilinum.

### III — CONSIDERAÇÕES SOBRE A TROCHILIFAUNA DE BRASILIA

O fato de estar Brasília no Planalto do Brasil Central, a uma altitude que varia de mil a mil e duzentos metros, e ainda por apresentar encostas como as do Rio Paranoá, que chegam a 650 ms. de altitude e se acha compreendida na zona limitrofe e urbana, com uma composição floristica bem diversa dos Campos Cerrados, que domina o centro de Brasilia, influi na riqueza da sua trochilifauna.

Com as capturas realizadas nesses locais, pudemos sem muita surpresa, aumentar de muito o número de espécies de trochilídeos até então anotadas para a região de Brasilia.

Extranhamos não ter encontrado aí, *Prasitis prasina daphne* (Gould), pois é comum nos cerrados de Mato Grosso, desde Cáceres para o Norte. No Boletim do Museu de Biologia «Prof. Mello Leitão» nr. 17 de 10 de novembro de 1955, explicamos a razão da surpresa no colecionamento de uma mesma região, em função da especialização do ornitologista em determinado grupo.

Assim é que Sick H., no Boletim do Museu Nacional, nr. 185 de 20 de agosto de 1958, cita na lista das aves encontradas em Brasilia, apenas as espécies: *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin) e *Colibri serrirostris* (Vieillot), colecionadas por E. Snethlage, em Planaltina em 1927, e repetidas por ele em 1957, e já mencionadas por A. Ruschi, no Bol. Mus. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão, nr. 10, de 24-7-1951 - Trochilídeos do Museu Nacional, às pgs. 16 e 52 nrs. 17.905 e 18.780, juntamente com o material de mais cinco espécies, também colecionadas em Planaltina por E. Snethlage, no mesmo ano e época, e citado às pgs. 11, 26, 37, 76 e 79, conforme relação abaixo:

#### RELAÇÃO DO MATERIAL DE TROCHILÍDEOS COLECIONADO EM PLANALTINA POR E. SNETHLAGE; PERTENCENTE A COLEÇÃO ORNITOLÓGICA DO MUSEU NACIONAL:

- 1 — *Phaethornis pretrei* (Delattre & Lesson) - Goyaz, Planaltino, m. nr. 17.957 em 20.6.1927.

- 2 — *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin) - Goyaz, f. nr. 17.905 em 24-5-1927.
- 3 — *Amazilia fimbriata nigricauda* (Elliot) - Goyaz, Planaltino, m. nr. 18.233 em 21-5-1927 e m. nr. 18.242 em 14-6-1927.
- 4 — *Chlorostilbon aureoventris aureoventris* (d'Orb. & Lafresn.) - Goyaz, Planaltino, f. nr. 18.139 em 1-6-1927 e f. nr. 18.736 em 28-6-1927.
- 5 — *Colibri serrirostris* (Vieillot) - Goyaz, Planaltino, m. nr. 18 780 em 2-6-1927.
- 6 — *Heliactin bilophum* (Temminck) - Goyaz, Planaltino, m. nr. 18.722 em 30-5-1927; ? nr. 18.726 em 9-6-27; m. nr. 18.724 em 13-6-27; m. nr. 18.723 em 14-6-27; m. nr. 18.727 em 15-6-27; m. nr. 18.729 em 18-6-27; f. nr. 18.728 e f. nr. 18.725 em 18-6-27.
- 7 — *Calliphlox amethystina* (Boddaert) - Goyaz, Planaltino, m. nr. 18-149 em 4-6-27; f. nr. 18.150 em 14-6-27; m. nr. 18.152 em 20-6-27 e m. nr. 18.154 em 29-6-1927.

IX — LISTA DOS TROCHILIDEOS COLECIONADOS EM  
BRASILIA NOS PERÍODOS DE 23-X A 4-XI E DE  
27 A 30 DE NOVEMBRO DE 1958, COM ANOTA-  
ÇÕES

- 1 — *Glaucis hirsuta hirsuta* (Gmelin) - Beija-flor de bico curvo.  
Brasília XI-58, nas ravinas dos córregos e rios; 1 m., 8 g.  
O exemplar colecionado tem a intensidade de coloração  
de mento, garganta e peito, que vai do negro palido, para  
o marron canela escuro, exatamente como os exemplares  
colecionados em Caceres, M. Grosso.
- 2 — *Phaethornis pretrei* (Delattre & Lesson) - Beija flor do rabo branco.  
Brasília X-58, 1 m. 6,3 g., no jardim residencial do Ipê e  
nas margens dos córregos e rios. Tem a coloração ventral  
mais clara do que os exemplares colecionados em  
Caceres, M. Grosso e Santa Teresa no E. Santo.
- 3 — *Phaethornis ruber ruber* (Linnaeus) - Beija-flor da mata. Bezou-  
rinho da mata.  
Brasília X-58, 1 m. e 1 f. 2,8 e 2,4 g. nas ravinas dos cór-  
regos e rios, visitando as flores de Marantaceas, Brome-  
liaceas, e as Zingiberaceas do Genero *Costus*, que estavam  
floridas.
- 4 — *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin) - Beija-flor tezoura.  
Brasília X-58, 1 m. e 1 f. 8 e 7 g., comum no cerrado e ra-  
vinas, frequentando constantemente os jardins residenciais.
- 5 — *Amazilia fimbriata nigricauda* (Elliot) - Beija-flor verde.  
Brasília X-58, 2 m. 1 f. 1 ? pesando 4,5 e 4,2 g. em flores

de *Vochysia* sp. na ravina. No comprimento total é menor que a de Tapirapoan e Caceres em M. Grosso, que mede 9,5 mm. e as de Brasília não chegam a isso.

Tapirapoan	- Im.	Cto.9,5mm	A 52	C. 32	B.18	t. 4	peso 4,5 g.
Brasília	m	87	53	31	16	4	4,2
»	?	87	52	31	16	4	4,5
»	m	92	53	33	18	4	4,5
»	f	87	50	31	18	4	4,2

Além das pequenas diferenças dimensionais, assinalamos nos espécimens de Brasília, a coloração inteiramente branca das infero caudais, enquanto o exemplar de Tapirapoan, tem as infero caudais menores targetadas ao centro de pardo, a ponta das retrizes em tôdas elas, tem uma pequena faixa branca, com exceção das centrais.

6 — *Amazilia versicolor kubtchecki* subsp. nov.

Brasília, 24-X-58 1 m; (tipo) e 1 f; 2-XI-58; 3-XI-58 2 m.  
No cerrado e ravina.

**DIAGNOSE** — Parecido com *Amazilia versicolor versicolor* (Vieillot), tendo entretanto um tamanho acentuadamente menor, tendo o vertex, nuca e parte dorsal verde bronzeado mais claro. Tipo: m. ad., colecionado em Goiás, no Gama, próximo ao Catetinho, por A. Ruschi, em 24 de outubro de 1958. Depositado na coleção ornitológica do Museu de Biologia «Prof. Mello Leitão».

**DESCRIÇÃO DO TIPO** — Bico com a mandíbula superior negra e inferior cor de carne. Pileo, vertex, nuca e o restante da parte dorsal, inclusive supra-caudais, verde bronzeado claro, com pouco brilho; coberteiras superiores da cauda, alongadas, moles, alcançando metade do comprimento das retrizes. As retrizes de coloração verde oliva bronzeado, sendo o par central mais alargado e com mais brilho metálico, tendo uma pequena barra enegrecida na porção dos dois terços terminais e o apice pardo muito claro. Mento, garganta, pescoço e peito, verde azulado, muito brilhante, abdômem verde claro; infero caudais verde bronzeado claro, com bordas cinza claro. Cto. tot. 85 mm. A. 49. C. 31. B. 14. T. 3 peso 3,8 g. O nome dado é uma singela homenagem prestada ao Exmo. Sr. Presidente da República, Dr. Juscelino Kubtcheck de Oliveira, a quem o Brasil deve a imortalização dessa grandiosa obra «BRASILIA».

Dimensões dos cootipos:

Cto. tot.	Aza	Cauda	Bico	Tarço	Peso em gs.	
m. 83	46	28	15	3	3,9	3-XI-58
m. 82	48	32	14	3	4,0	3-XI-58
f. 81	46	29	14	3	3,9	2-XI-58

A fêmea tem a mesma coloração do macho, sendo entretanto

menos brilhante sua plumagem. O exemplar tipo e a fêmea foram colecionados na mesma planta florida de *Vochysia* sp. nas proximidades do Catetinho, no Gama. Os demais exemplares foram também colecionados quando visitavam as flores de *Vochysia* sp. na margem da estrada de rodagem que vai em rumo à cachoeira de Paranoá, onde há uma ravina, próximo a uma pedreira em exploração de britagem.

A presente sub-espécie apesar de ser maior que a *A. v. nitidifrons* e menor que a *A. versicolor versicolor*, possui o bico bem menor que a última. As dimensões de *Amazilia versicolor versicolor* (Vieillot) são: Cto. tot. 90; A. 53; C. 32; B. 16; t. 3; peso 5 g. Exemplar da Bahia. *Amazilia versicolor versicolor nitidifrons* (Gould) tem as seguintes dimensões: Cto. 78; A. 43; C. 22; B. 17. Porto Nacional - Goiás (Norte).

Também podemos, pela descrição de Pinto O. & Camargo E., de dois exemplares fêmeas, do Rio Paracai e Porto Camargo, em Pap. Av. D. Zool. vol. XII n. 9, p. 219, Lista anotada de Aves colecionadas nos limites ocidentais do Estado do Paraná, concluir da diferença existente entre as fêmeas da sub-espécie presente. Naturalmente que reina grande confusão na distribuição geográfica mencionada para *Amazilia versicolor versicolor* (Vieillot) e demais sub-espécies, mas, o intenso colecionamento do interland, trará maior esclarecimento ao caso; o mesmo ocorre com relação a sistemática, motivo pelo qual, Simon & Hellmayr (Nov. Zool. XV, 1908, p. 1) substituíram com justa razão *Thaumantias affinis* Gould 1855 por *Trochilus versicolor* Vieillot. Entretanto não concordamos com J. Berlioz e Simon (Hist. Nat. Trochil. p. 329 e 330) na qual Simon incluí *A. brevirostris*, como sub-espécie de *A. versicolor*, dada a superposição à distribuição geográfica de ambas, e de J. Berlioz, que aventa a possibilidade de serem *A. brevirostris* e *A. versicolor*, uma mesma espécie, da qual *versicolor* poderia ser a fêmea ou a ave jovem. Hoje, graça a montagem do Trochilidario «J. Berlioz e E. Beaufort», no Museu de Biologia «Prof. Mello Leitão» esta dúvida foi esclarecida, com os resultados da reprodução de ambas espécies em cativeiro. Os jovens de *A. brevirostris*, ainda quando com a plumagem nidícola, tem a porção do peito nua, e logo que se apresenta a plumagem nidifuga, ainda com o crescimento das coberteiras brancas, a região do peito, permanece com uma pequena cratera ou depressão. Após cinco meses de idade, tanto a fêmea como o macho, trazem uma coloração muito próxima da plumagem central, esta é bem mais estreita que na fêmea. Nas espécies *A. versicolor versicolor*, *A. versicolor nitidifrons* e *A. versicolor kubtchecki*, tanto o macho como a fêmea trazem a coloração do mento, garganta e peito, sem a faixa longitudinal branca ao centro, tendo entretanto as fêmeas um brilho menos intenso que os machos. Com relação à distribuição geográfica podemos dizer que *A. versicolor versicolor* vem desde o Sul da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Sudoeste

de Goiás, Sul de Mato Grosso, Paraná e Paraguay. *A. versicolor nitidifrons*, tem sua distribuição a partir do Baixo Tocantins no Pará, Maranhão, Piauí, Ceará e norte de Goiás. *A. versicolor kubtchecki*, tem sua distribuição limitada ao Sudeste de Goiás, Noroeste de Minas Gerais. *Amazilia brevirostris* tem a sua distribuição geográfica a partir da Bahia, Leste de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

7 — *Hylocharis sapphirina sapphirina* (Gmelin) - Beija-flor.

Brasília XI-58, 1 m. peso 4 g. nas flores de *Vochysia* sp. na estrada que vai para a barragem de Paranoá. Tem a mesma coloração e dimensões dos exemplares colecionados em Tapirapoan, Mato Grosso e Macapá no Território do Amapá. No Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão nr. 17 de 10-XI-55 relacionamos os exemplares desta espécie colecionados em Tapirapoan, trazendo assim sua distribuição geográfica até Mato Grosso e agora acrescentamos essa distribuição para Goiás.

8 — *Hylocharis chrysurus chrysurus* (Shaw) - Beija-flor dourado.

Brasília, X-58, 1 m. peso 5 g. nas flores de *Vochysia* sp. na ravina do sítio do Ipê, é de idêntica coloração e dimensões dos exemplares de Cáceres, Mato Grosso.

9 — *Hylocharis cyanus rostrata* Boucard - Beija-flor roxo.

Brasília, X-58, 1 m. peso 4 g. nas flores de *Vochysia* sp. na ravina próxima da estrada de rodagem que vai para a barragem do Paranoá; o exemplar ainda está imaturo e o bico não tem ainda o vermelho intenso que é peculiar na espécie, como acontece com os exemplares de Tapirapoan e Cáceres, em Mato Grosso.

10 — *Chlorostilbon aureoventris aureoventris* (d'Orb. & Lafresn.) - Beija-flor verdinho.

Brasília, XI-58, 1 m. peso 4 g. nas flores de *Vochysia* sp. na ravina próxima do Jardim Zoológico; ainda com algumas penas cinza claro no peito, que denotam se tratar de um exemplar jovem.

11 — *Thalurania furcata baeri* Hellmayr - Beija-flor azul.

Brasília X-58, 1 m. peso 5,6 g. XI-58 1 m. p. 4,5 g. e 1 f, p. 4,4 g. nas flores de *Vochysia* sp. o primeiro no sítio Ipê e os demais, na margem da estrada de rodagem que vai ter a barragem de Paranoá. Os exemplares dessa região tem as infero caudais intensamente targetadas de negro, sendo notado em alguns exemplares que são inteiramente negras, tornando-se bem semelhante a *T. eriphile*, sendo entretanto sua asa exatamente igual aos espécimens de Cáceres, Cuiabá e Tapirapoan em Mato Grosso, ou seja com 54 ms. de comprimento. Observamos alguns exemplares no jardim residencial do sítio Ipê, em flores de *Canna*

indica superba.

- 12 — *Colibri serrirostris* (Vieillot) - Beija-flor de canto.  
Brasília, X-58, 1 m. p. 6 g. e 1 f. p. 6,2 g. nas flores de *Vochysia* sp. na ravina próxima da área do Jardim Zoológico. Esta espécie foi observada em todos os locais da zona urbana atravessando o cerrado e ravinas; é também frequentador assíduo dos jardins residenciais.
- 13 — *Anthracothorax nigricollis nigricollis* (Vieillot) - Beija flor.  
Brasília, X-58, 1 m. e 1 f. pesando 6,9 e 6,5 g. nas flores de *Vochysia* sp. na ravina que fica à margem da estrada de rodagem que vai para a represa de Paranoá; é uma das espécies que sempre se conservam em visita as flores da parte mais alta da copa das árvores e sempre se afugenta com facilidade; porisso a sua captura viva, se torna mais trabalhosa, requerendo muita habilidade de quem a pratica.
- 14 — *Chrysolampis moschitus* (Linnaeus) - Beija-flor vermelho.  
Brasília, X-58, 2 m. 1 f. pesando 4,5 g. nas flores de *Vochysia* sp. nas ravinas próximas do Jardim Zoológico e dos escritórios da NOVACAP. Conseguimos capturar vários outros exemplares, em todos os lugares onde estavam floridas as *Vochysias* amarelas, sendo bastante comum por toda a área urbana. Esta espécie somente em 1953 apareceu no Espírito Santo.
- 15 — *Heliactin bilophum* (Temminck) - Beija-flor de chifre.  
Brasília, X-58, 1 m. e 1 f. pesando 3,5 g. no cerrado, em flores de *Anacardium* sp., de pequeno porte, com frutos vermelhos muito minúsculos, em densos cachos; esta espécie de cajú é sem dúvida um dos mais belos exemplares da flora de Brasília, que se presta para ornamentação de interior de residência, pois o intenso vermelho dos esquisitos frutos, lhes dá uma beleza singular. *Helianctim* é sem dúvida um dos trochilídeos mais característico da região das caatingas e cerrados.
- 16 — *Anthoscenus longirostris longirostris* (Audebert & Vieillot) - Beija-flor do bico comprido.  
Brasília, X-58, 1 m. peso 6,2 g. na ravina do sítio Ipê, em flores de *Costus* sp., foi também observado nas flores amarelas de *Vochysia* sp. O exemplar colecionado tem a cabeça de um azul intenso, exatamente igual aos exemplares colecionados em Tapirapoan, Mato Grosso, onde foram também capturados nas flores de *Costus pubescens* var. *subglabrecens* Loesner; que são encontrados nos lugares de terrenos úmidos no acerro da mata, limitrofe com o campo. A variedade de *Anthoscenus* que colecionamos na região do Amazonas, na foz do Rio Javari, tanto em Ben-



jamim Constant e *Atalea* do Norte, como em Leticia, na Colombia, possuem a cabeça com o pileo e vertex de um verde intenso, ao envez de azul esverdeado.

- 17 — *Calliphlox amethystina* (Boddaert) - Beija-flor mosca.  
 Brasília, X-58, 1 m e 1 f. peso 2,8 g em flores de *Vochoy-sia* sp. na margem da estrada de rodagem para a represa de Paranoá. Essa espécie foi observada por tôda a área urbana de Brasília. É sem dúvida a espécie de maior dispersão geográfica da família; assim podemos afirmar de vez que, com exepção do Chile, tivemos a oportunidade de colecioná-la em todos os demais paizes Sul - Americanos. Ainda quando em prosseguimento aos estudos de sua biologia, tivemos juntamente com o Dr. Crawford H. Greenewalt, a oportunidade de determinarmos que é a espécie de trochilídeo que dá maior número de vibrações de azas por segundo, ou seja no macho 90 e na fêmea 80.
- 18 — *Lophornis magnificus* (Vieillot) - Beija-flor de topete vermelho.  
 Brasília, X-58, 1 m. e 1 f. peso 1,5 g. em flores de *Vochoy-sia* sp. na margem da estrada de rodagem para a represa de Paranoá e na ravina do sítio Ipê; ambos exemplares, são idênticos aos colecionados no Espírito Santo e Rio de Janeiro; teem as mesmas dimensões e coloração. É em peso o rival de *Calypte helenae* (Lembeye) de Cuba, a menor ave do mundo, tendo em seu comprimento 70 mm. enquanto *C. helenae* tem 62 mm. *Lophornis magnificus* é entre as demais espécies da família uma das mais delicadas, e somente é comuníssimo em Santa Teresa, no Espírito Santo, local que sugiro como Pátria.
- 19 — *Polytmus guainumbi thaumantias* (Linnaeus) - Beija-flor do campo.  
 Brasília, XI-58, 1 m. peso 5,6 g no cerrado, próximo ao Catetinho, no Gama; em flores de *Anacardium* sp; também observado nas flores amarelas de uma *Bignoniacea* do campo sujo, na margem da estrada de rodagem para Planaltina.
- 20 — *Aphantochroa cirrochloris cirrochloris* (Vieillot) - Beija-flor.  
 Brasília, XI-58, 1 m. peso 6,5 g em flores de *Vochoy-sia* sp nas proximidades da represa de Paranoá; o exemplar capturado é bem adulto e nêle se distingue o colorido mais forte da região inferior, que vai do mento ao peito, para o abdomen, que é cinza mais claro.

#### COLEÇÃO DE MATERIAL VIVO

A coleção de material vivo foi realizada também na área de Brasília e constou igualmente das 20 espécies já mencionadas. Todo

êsse material foi colocado em gaiolas de rafia, por três dias e em seguida era colocado em viveiro de adaptação existente na residência do Dr. Israel Pinheiro, no sítio do Ipê, onde dias depois, uma parte foi solta, já que estavam habituados a tomarem alimento nos frascos e a outra foi levada para o Museu de Biologia. A alimentação em cativeiro, constava sempre de uma solução de água e assucar, na qual êste entra na percentagem de 13 %, acrescida de uma colherinha de leite condensado, marca Moça (colherinha de café cheia) e duas gotas de Potovit «Roche», solução aquosa, para cada duzentas gramas da solução base, de água assucarada. Assim, sempre é um alimento completo, à base de carbo-hidrato, proteínas e vitaminas. O complexo vitamínico Protovit, é até ao presente momento o melhor a ser empregado na alimentação dos Trochilídeos, pois a sua dosagem está em quantidades e proporções correspondentes à necessidade normal do organismo e o seu alto grau de solubilidade na água assucarada é sem dúvida de grande vantagem; êle contém as vitaminas A, B, C, D, E, e H; vem sendo empregada com sucesso em nossas criações de trochilídeos em cativeiro, desde 1956. O leite condensado usado, é integral, assucarado de pureza bacteriológica e preparado pelo método Nestle.

#### V — POVOAMENTO DE BEIJA-FLORES REALIZADO NO SÍTIO IPÊ

No dia 6 de novembro, retiramos os trochilídeos do viveiro de adaptação e juntamente com os que vieram das gaiolas restantes que estavam em nosso apartamento, no Brasília Palace Hotel, êstes, conduzidos pelo processo de ensaio para o transporte, foram em número de trinta, soltos nas proximidades da residência.

Antes da solta foram dependurados, em vários pontos do jardim, oito frascos, contendo o alimento, que nessas circunstâncias é exclusivamente constituído de água e assucar, na proporção de treze gramas de assucar para cem gramas de água. A alimentação protéica é buscada em natureza e se constitui de artrópodos, principalmente insetos e aracnídeos, muito procurados nas flores. Após ser tirado cada exemplar do viveiro ou dos envelopes sacos, era dada alimentação em abundância (água assucarada) e em seguida pôsto em liberdade; o seu vôo nessas circunstâncias se limitava à pequenas distâncias, pois o excesso de alimento administrado o proibia de longo alcance, e assim, todos se distribuíram pelas árvores existentes no jardim. Após uns vinte minutos, já todos tinham feito a higiene da plumagem e os mais desidratados, procuraram os frascos recém-colocados pelo jardim, e assim, durante os dias que se seguiram e até a data de 27 de dezembro, quando lá voltamos, estavam frequentando assiduamente êsses frascos com alimento, emprestando ao ambiente, um agradável ornamento. O mesmo observamos nos dias de janeiro de

1959, notando-se que outros trochilídeos da região já haviam aderido aos frascos suspensos e ali faziam suas costumeiras refeições.

## RELAÇÃO DOS TROCHILÍDEOS CAPTURADOS EM BRASÍLIA E SOLTOS DEPOIS DE DOMESTICADOS, NO SÍTIO IPÊ

<i>Phaethornis pretrei</i> (Delattre & Lesson)	1 exemplar
<i>Eupetomena macroura macroura</i> (Elliot)	4 exemplares
<i>Amazilia fimbriata nigricauda</i> (Elliot)	2 exemplares
<i>Amazilia versicolor kubtchecki</i>	3 exemplares
<i>Thalurania furcata baeri</i> Hellmayr	4 exemplares
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot)	3 exemplares
<i>Anthracothorax nigricollis nigricollis</i> (Vieillot)	1 exemplar
<i>Chrysolampis moschitus</i> (Linnaeus)	3 exemplares
<i>Heliactin bilophum</i> (Temminck)	1 exemplar
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert)	3 exemplares
<i>Polytmus guainumbi thaumantias</i> (Linnaeus)	1 exemplar
<i>Aphantochroa cirrochloris cirrochloris</i> (Vieillot)	1 exemplar
<i>Lophornis magnificus</i> (Vieillot)	3 exemplares

Assim, foi feito o primeiro povoamento de Trochilídeos em Brasília, em prosseguimento à campanha de proteção a natureza.

\* \* \*

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — BOUCARD, A.  
1891 - The Hum. Bird. I  
1894-95 - Gen. Hum. Bds.
- 2 — BOUDDAERT  
1873 - Tabl. Pl. Enl.
- 3 — BERLEPSCH, H. F.  
1908 - Nov. Zool. XV
- 4 — BOIE  
1831 - Isis
- 5 — BERLA, H. F.  
1946 - Bol. Mus. Nac. n. 65 - Lista das aves colecionadas em Pernambuco, com descrição de uma sub-espécie n. e de um alótipo f. e notas de campo.
- 5a — CRULS, L - 1947 - Planalto Central do Brasil.

- 6 — CHUBB, C.  
1910 - Ibis
- 7 — CORY, C. B.  
1918 - Cat. of Bds. of The Am. Vol. XIII p. II n. 1 Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser.
- 7 — D'ORBIGNY & LAFRESNAYE  
1838 - Syn. Av. Mag. Zool. VIII el. II
- 8a — DESCOURTILZ, J. T. - 1834 - Ois. brill. Brés.
- 9 — ELLIOT, D. G.  
1875 - The Ibis  
1878 - The Ibis, 4 ser. V  
1879 - Syn. Trochil.
- 10 — GMELIN  
1788 - Syst. Nat., I
- 10a — GOELDI, E. A. - 1894 - As Aves do Brasil.
- 11 — GOULD, J.  
1861 - Monog. Trochil.  
1880 - Monog. Trochil. suppl.
- 12 — GRAY, J. E. - Gen. Birds vol. I
- 13 — HARTEF, E.  
1898 - Nov. Zool. V.  
1900 - Das Tierreich, Trochilidae
- 14 — HELLMAYR, C. E.  
1906 - Bull. Brit. Orn. Cl; XVI  
Nov. Zool. XIII, Trig. Mus.  
1907 - Bull. Brit. Orn. Cl. XXI  
Nov. Zool. XIV, Trig. Mus.  
1908 - Nov. Zool. XV, Trig. Mus.  
1910 - Nov. Zool. XVII, Trig. Mus.  
1915 - Verh. der Ornith. Gesell. Bayern, XII
- 15 — HELLMAYR & SEILERN  
1912 - Arch. fur. Naturg; A. 5 Hefet.  
1909 — Nov. Zool. IX
- 16 — IHERING, H. VON E RODOLPHO V. IHERING  
1906 - As Aves do Brasil - Cat. Vol. I
- 17 — IHERING, H. VON  
1902 - Rev. Mus. Paul. Vol. V — Contribuições para o conhecimento da Ornithologia de São Paulo.  
1904 - Rev. Mus. Paul. Vol. VI — As aves do Paraguay em comparação com as de São Paulo.  
1898 - Rev. Mus. Paul. Vol. III — As Aves do Estado de São Paulo.  
1900 - As Aves do Estado do Rio Grande do Sul — Anuário do Rio Grande do Sul.

- 1900 - Rev. Mus. Paul. Vol. IV — Aves observadas em Santa Galo e Nova Friburgo.
- 18 — LESSON, R. P.  
 1829 - Hist. Nat. Ois. Mouches.  
 1832 - Hist. Nat. Colibris, Suppl.  
 1858 - Hist. Nat. Ois. Mouches, Suppl.
- 19 — LICHTENSTEIN  
 1823 - Verz. Doub. Zool. Mus.
- 20 — LINNAEUS, K. VON  
 1758 - Syst. Nat. ed. 10  
 1766 - Syst. Nat. ed. 12
- 21 — JARDINE, W.  
 1837 - Ornithologie III Theil Die Colibris.
- 22 — MULSANT & É. VERREAUX, J. B. E.  
 1877 - Hist. Nat. Ois. Mouch.
- 23 — NAUMBURG, E. M. B. E. CHERRIE, G. K.  
 1930 - The Birds of Matto Grosso, Brazil. Bull. of The Am. Mus. of Nat. Hist. Vol. LX.
- 25 — NOVAES, F. C.  
 1957 - Bol. Mus. Par. E. E. Goeldi — Zool. nr. 9 — Contribuições à ornitologia do Noroeste do Acre.
- 25 — NOVAES, F. C. E. CORY T. de C.  
 1957 - Bol. Mus. Par. E. Goeldi - Zool. n. 1 — Observações sobre a nidificação de *Glaucis hirsuta* (Gml)
- 26 — PELZEN, A. VON  
 1856 - Sitzungsber. Acad. Wien. XX  
 1871 - Zur Ornith. Brasil. Wien
- 27 — PETERS, J. L.  
 1951 — Check - List of Birds of the World
- 28 — PHELPS, W. H. Jr.  
 1958 - Separata del Bol. de la Soc. Venez. de Cienc. Nat. Tomo XIX nr. 90, Maio — Lista de las Aves de Venezuela con su distribucion  
 1953 - Proc. of. the Biol. Soc. of. Washington, Vol. 66. p 130.
- 29 — PINTO, O. M. de O.  
 1932 - Revl Mus. Paul. T. XVII — Resultados ornitologicos de uma excursão pelo Oeste de São Paulo e Sul de Mato Grosso.  
 1934 - Rev. Mus. Paul. T. XIX — Aves da Bahia — Notas criticas e observações sobre uma coleção feita no Reconcavo e na parte Meridional do Estado.  
 1936 - Rev. Mus. Paul. T. XX — Contribuição à Ornitologia de Goyaz.  
 1938 - Rev. Mus. Paul. T. XXII — Vol. I — Cat. Av. Brasil.  
 1938 - Rev. Mus. Paul. T. XXIII — Nova contribuição à ornitologia Amazonica — Estudo critico de uma coleção de aves do baixo Solimões e do alto Rio Negro.

- 1940 - Rev. Mus. Paul. T. XXIV.  
 1940 - Arquivos de Zool. Vol. I — Aves de Pernambuco.  
 1941 - Arq. Zool. Vol. II — Nova contribuição à Ornitologia de M. Grosso.  
 1948 - Arq. Zool. Vol. V — Contribuição à Ornitologia do Baixo Amazonas.  
 1952 - Arq. Zool. Vol. VIII — Sumula historica sistematica da Ornitologia de Minas Gerais.  
 1943 - Pap. Av. Dep. Zool. Vol. III n. 20 — Nova contribuição à Ornitologia do Reconcavo (Baia).  
 1944 - Pap. Av. Dep. Zool. Vol. IV n. 9 — Sobre as aves do Distrito de Monte Alegre, Município de Amparo (São Paulo).  
 1948 - Pap. Av. Dep. Zool. Vol. VIII n. 26 — Sobre uma coleção de aves do Rio das Mortes (Estado de Mato Grosso).  
 1952 - Pap. Av. Dep. Zool. Vol. X n. 9 — Aves do Itatiaia — Lista Remissiva e novas achegas à avifauna da Região. n. 11 — Nova contribuição à Ornitologia do Rio das Mortes.  
 1953 - Pap. Av. Dep. Zool. Vol. XI n. 13 — Sobre a coleção Carlos Estevão de peles, ninhos e ovos das aves do Estado de Belem (Pará). n. 23 — Resultados ornitológicos de uma expedição ao Território do Acre pelo Departamento de Zoologia.  
 1956 - Pap. Av. Dep. Zool. Vol. XII n. 1 — Resultados ornitológicos de duas viagens ao Estado de Alagoas.
- 30 — PINTO, O. M. de O. e CAMARGO, E. A.  
 1956 - Pap. Av. Dep. Zool. Vol. XII n. 9 — Lista anotada de Aves colecionadas nos limites ocidentais do Estado do Paraná.
- 31 — REICHENBACH, H. G. L.  
 1855 - Handb. Orn. Troch. enumeratio. Ed. 2.
- 32 — RUSCHI, A.  
 1949 - Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 1 — Sist. Bot. e Zool. com a descrição de dois ninhos de Trochilídeos: *Glaucis hirsuta hirsuta* (Gmelin), *Glaucis dohrni* (Bourcier & Mulsant).  
 Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 2 — A polinização realizada pelos trochilídeos, a sua área de alimentação e o repovoamento.  
 Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 3 — A classificação dos ninhos de trochilídeos.  
 Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão Biol. n. 4 — Ninhos e Ovos dos Trochilídeos: *P. eurynome*; *P. s. squalidus*; *A. pretrei*; *P. idaliac*; *C. notatus notatus*; *Colibri serrirostris*; *Lophornis magnificus*; *Hylocharis cyanus cyanus*; *H. saphirina latirostris*; *Eupetomena m. macroura*; *E. m. simoni*; *Anthracothorax n. nigricollis*; *Melanotrochilus fuscus*; *Thaluranía glaucopsis*; *Agyrtrina tephrocephala*; *A. l. lactea* e *A. brevisrostris*.  
 Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 5 — Ninhos e ovos dos Trochilídeos: *Chlorostilbon a. pucherani*; *Hylocharis s. saphirina*; *Thaluranía f. eriphile*; *Clytolaema rubricauda*; *Stephanoxis lalandi*; *Aphantochirpa cirrochloris*; *Thaluranía f. furcataide*; *Polytmus guainumbi thaumantias*; *Hylocharis cyanus rostrata*; *Chlorostilbon a. berlepschi*; *Thaluranía f. baeri*; *Chlorostilbon aureoventris a.*; *Hylocharis chrysura c.*; *Gouldomya langsdorffi l.*; e os ninhos ilustrados na Monografia de J. Gould.  
 Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 6 — Ninhos e Ovos dos Trochilídeos: *Pygmornis ruber r.*; *Florisuga melivora m.*; *Agyrtrina leucogaster bahiae*; *A. fimbriata nigricauda*; *Leucochloris albicollis*; *Heliotryx auritus auriculatus* e *Calliphlox amethystina*. Os métodos de capturar vivos os trochilídeos, o seu transporte e alguns tipos de gaiolas, viveiros e estufas para sua criação e reprodução em cativeiro. Algumas ob-

servações sôbre a orientação no voo de longas e curtas distâncias nos trochilídeos.

- Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 7 — Observações sôbre Trochilídeos: o Acasalamento e a Parada Nupcial, o Banho, o Banho de Sol, o Dormir e o Sono, a Hibernação, Temperaturas, Descanço, Longevidade, o Voo, a Velocidade e Vibrações das Azas, a Muda, o Canto e Ruído, Peso das Fêmeas, suas dimensões, Pesos e dimensões dos Ovos, Período de incubação e idade com que os jovens deixam o ninho, Ninhos e Ovos de: *Stephanoxis loddigesi* e *Chrysolampis elatus*; Migração e Criação em cativeiro.
- 1950 - Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 8 — O território e as áreas de alimentação e de nidificação de *A. pretrei*, observadas através algumas gerações, durante os anos de 1938 até 1946.
- 1951 - Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Zool. n. 9 — Pterylose de *Eupetomena macroura macroura* (Gmelin, 1788) e *Anisoterus pretrei* (DeLattre & Lesson, 1839).
- Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. nr. n. 10 — Trochilídeos do Museu Nacional.
- 1953 - Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Zool. n. 11 — Lista das Aves do Estado do Espírito Santo.
- Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Zool. n. 12 — Trochilídeos do Brasil.
- Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 15 — Ninhos, ovos e algumas observações sôbre os Trochilídeos: *Psilomictes teheresia theresiae* (Da Silva Maia); *Lophornis vereauxii* Bourcier; *Lophornis gouldi* (Lesson); *Phaethornis nattereri* (Berlepsch); *Chrysuronia oenone josephinae* (Bourcier & Mulsan); *Gouldomyia langsdorffii melanosternon* (Gold) e *Anthracothonax viridigula* (Boddaert).
- Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 16 — Os trochilídeos: *Agyrtrina lactea lactea* (Lesson); *Heliomaster squamosus* (Temmick); *Lophornis chalibeus* (Temminck); *Discosura longicauda* (Gmelin) e *Chrysolampis mosquitus* (Linnaeus) novos para o Estado do Espírito Santo e as causas do seu recente aparecimento.
- 1955 - Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 17 — Algumas observações sôbre a Trochilifauna da região do Pantanal Matogrossense, compreendida entre Caçeres e Tapirapoan, ou seja, entre o Pantanal Norte e Encosta dos Parecís.
- 1956 - Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 18 — A Trochilifauna de Porto Alegre e arredores.
- 1957 - Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 19 — A Trochilifauna do Rio Cajari no Território do Amapá.
- Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 20 — A Trochilifauna da Foz do Rio Javari, Rio Amazonas e Benjamim Constant.
- 1958 - Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão - Biol. n. 21 — A Trochilifauna de Poços de Caldas no Estado de Minas Gerais.

33 — SALVIN, O.

1892 - Cat. Bds. Brit. Mus. XVI

34 — SHAW, G.

1811 — Gen. Zool. VIII

- 35 — SICK, H.  
1958 - Bol. Mus. Nac. Zool. n. 185 — Resultados de uma excursão ornitológica do Museu Nacional a Brasília, novo Distrito Federal, Goiás, com a descrição de um novo representante de *Scytalopus* (Rhinocryptidae Aves).
- 36 — SIMON, E.  
1912 - Bull. Mus. d'Hist. Nat. n. 8.  
1921 - Hist. Nat. Des Trochil.
- 37 — SIMON, E & HELLMAYR  
1908 — Nov. Zool. XV
- 38 — SNETHLAGE, E  
1914 - Bol. Mus. Goeldi Tomo VIII — Catal. das Aves Amazônicas.
- 39 — TEMMINCK, C. J.  
1820 - Nouv. Réc. Pl. Col. d'Ois. liv. 3.
- 40 — SPIX, J. B.  
1824 - Av. Bras. I
- 41 — VIEILLOT, L. J. P.  
1817 - Nouv. Dict. d'Hist. Nat. VII e 2<sup>a</sup> cd.  
1818 - Nouv. Dict. d'Hist. Nat. XXIII  
1822 - Tabl. Enc. Math.
- 42 — WETMORE, A AND PHELPS, W. Jr.  
1956 - Proc. Biol. Soc. of Washing. Vol 69 p. 4
- 43 — WIED, M.  
1821 - Reis. N. Bras. II
- 44 — ZIMMER, J. T.  
1950 - Am. Mus. Novit. n. 1449 - Studies of Peruvian Birds. N. 55  
Am. Mus. Novit. n. 1450 - Studies of Peruvian Birds. N. 56  
Am. Mus. Novit. n. 1463 - Studies of Peruvian Birds. N. 57  
Am. Mus. Novit. n. 1474 - Studies of Peruvian Birds. N. 58  
Am. Mus. Novit. n. 1475 - Studies of Peruvian Birds. N. 59  
1951 - Am. Mus. Novit. n. 1513 - Studies of Peruvian Birds. N. 60  
1953 - Am. Mus. Novit. n. 1604 - Studies of Peruvian Birds. N. 63